

## O 'Olhar Museológico' de Franklin Cascaes

Acsa Martins<sup>1</sup>Agatha Agster Dias Thomas<sup>2</sup>Anna Julia Borges Serafim<sup>3</sup>

**Resumo:** O objetivo deste artigo não é fazer uma crítica a visão de Cascaes sobre o que é um museu, mas demonstrar que havia uma preocupação do artista no que concerne ao campo museológico. A pesquisa se deu a partir dos manuscritos de Franklin Cascaes, que eram cadernos produzidos por Franklin durante sua vida, contendo esboços de seus desenhos, cartas e textos. Era o espaço em que o artista expunha seus pensamentos no que concerne a arte, cultura e a sociedade de Florianópolis. O artigo pretende explorar como Cascaes pensou a museologia em seu campo de atuação, mesmo que sem citar diretamente a disciplina. Apresentar também de que maneira questões como documentação, preservação e conservação da sua obra aparecem em seus cadernos, direta ou indiretamente.

**Palavras-chave:** Cascaes; Museu; Museologia; Cultura.

**Abstract:** The purpose of this article is not to criticize Cascaes's view of what is a museum, but to show that there was a concern of the artist regarding the museum field. The research came from Franklin Cascaes' manuscripts, which were notebooks produced by Franklin during his lifetime, containing sketches of his drawings, letters, and texts. It was the space in which the artist expounded his thoughts on the art, culture and society of Florianopolis. The article intends to explore how Cascaes thought museology in its field of action, even without directly mentioning the discipline. Show also how issues such as documentation, preservation and conservation of his work appear in his notebooks, directly or indirectly.

**Keywords:** Cascaes; Museum; Museology; Culture.

A museologia é um campo em expansão. Uma de suas características mais distintas, e de extrema importância para esse crescimento, é a interdisciplinaridade, sua aproximação com diversas áreas do conhecimento. Segundo Guarnieri, a museologia é o estudo do museu e das relações com a sociedade, bem como o estudo da relação entre homem e objeto no espaço museal<sup>4</sup>.

---

1 Acsa Martins é graduanda em Museologia pela Universidade Federal de Goiás. Email: [acsa-natalia@hotmail.com](mailto:acsa-natalia@hotmail.com)

2 Agatha Thomas é graduanda em Museologia pela Universidade Federal de Santa Catarina. Email: [Agathadias.thomas@gmail.com](mailto:Agathadias.thomas@gmail.com)

3 Anna Julia Serafim é graduanda em Museologia pela Universidade Federal de Santa Catarina. Email: [aninha.serafim@hotmail.com](mailto:aninha.serafim@hotmail.com)

4 GUARNIERI, Waldisa Rússio Camargo. Museologia e Museu (1979). In: BRUNO, Maria C. de O. Waldisa Rússio Camargo Guarnieri: textos e contextos de uma trajetória profissional. São Paulo: Pinacoteca do Estado: Secretária de Cultura: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, 2010.



Com a ampliação das discussões nas mesas redondas, cartas patrimoniais e instituições como o ICOM (Conselho Internacional de Museus) e o ICOFOM (Comitê Internacional de Museologia), a Museologia passa a abranger outros espaços que não os museus para o estudo da relação homem/objeto, passando a compreender que esse estudo se dá em outros cenários construídos socialmente.

No livro *Há uma gota de sangue em cada museu*, Mário Chagas identifica e apresenta a visão museal do autor Mário de Andrade, através de suas obras e coleções. O autor propõe, através de sua obra, pensar “como determinados intelectuais oriundos de áreas de conhecimento distintas da museologia pensam e operacionalizam o que pensam (quando a operacionalização acontece) no campo dos museus e da museologia”<sup>5</sup>.

É a isso que se refere a expressão ‘olhar museológico’, retirada do livro de Chagas<sup>6</sup>. Uma maneira de compreender o museu, o patrimônio e a cultura de acordo com a museologia, mesmo não pertencendo a esse campo.

Assim identificamos o potencial museológico do artista catarinense Franklin Joaquim Cascaes, com base em informações encontradas em seus manuscritos, cadernos que compõem a coleção Elizabeth Pavan Cascaes no Museu de Arqueologia e Etnologia (MarquE/UFSC). Em seus cadernos – fonte documental da presente pesquisa – o artista fazia esboços de suas cartas, listagens de seu acervo, entre outros. Os cadernos podem dar uma perspectiva da visão de Cascaes sobre sua própria obra, mas assim como todo documento, suas leituras podem ser variadas, como nos mostra Karnal e Tatsch. Segundo os autores, o documento é “qualquer fonte sobre o passado, conservado por acidente ou deliberadamente, analisado a partir do presente e estabelecendo diálogos entre a subjetividade atual e a subjetividade pretérita”<sup>7</sup>. A coleção é formada também por desenhos em nanquim e esculturas em argila do artista.

No sentido do ‘olhar museológico’ de Chagas, buscamos explorar como Franklin Cascaes pensou a museologia em seu campo de atuação, mesmo que indiretamente, através de seus manuscritos.

Franklin Joaquim Cascaes sempre foi um apaixonado e entusiasta referente a arte e a tradição açoriana. Nasceu em Itaguaçu, em 16 de outubro de 1908. Foi autodidata, e desde cedo se interessou em aprender, posteriormente a registrar acontecimentos cotidianos e

---

5 CHAGAS, Mário de Souza. *Há uma gota de sangue em cada museu: a ótica museológica de Mário de Andrade*, Chapecó. São Paulo: Argos, 2015, p.24.

6 Ibid.

7 KARNAL, Leandro; TASTSCH, Flavia G. A memória evanescente. In: PINSKY, C. B; LUCA, R. de L.O historiador e suas fontes. São Paulo: Contexto, 2009, p. 24.



tradições da Ilha de Santa Catarina. Inserir-se nas comunidades tradicionais e aprendia sobre seus costumes e crenças, e registrava o que observava através de suas obras: conjuntos escultóricos, desenhos e literatura, baseados nas histórias relatadas por moradores de comunidades tradicionais da Ilha de Santa Catarina.

Casado com Elizabeth Pavan Cascaes, sua companheira foi muito importante para o artista, dando nome inclusive ao acervo do artista que hoje se encontra no Museu de Arqueologia e Etnologia da UFSC. José Gelci Coelho, o Peninha, amigo e também colaborador de Cascaes, afirma que a dona Bete, assim chamada, por sua constante presença e auxílio no trabalho de seu marido, foi coautora do projeto de pesquisa, que era idealizado pelos dois. Trabalhou como professor, realizando diversas exposições com seus alunos, e seu trabalho esteve durante muitos anos presente na praça XV de Novembro no centro da Ilha de Florianópolis, através de seus conhecidos presépios com apoio da Universidade e prefeitura da cidade, que inclusive lhe proporciona uma viagem de estudos para a Ilha dos Açores. O artista teve sua obra apresentada na I Bienal Latino-Americana, em 1978, na cidade de São Paulo, evidenciando a cultura catarinense a olhares de estrangeiros<sup>8</sup>.

Embora esse não fosse seu intuito, Franklin atuou como etnógrafo, exercendo um papel muito importante para a preservação e difusão dessa tradição tão adorada por ele. O resultado de suas pesquisas pode ser encontrado em suas obras, em que ele retratava, através de suas esculturas, desenhos e relatos literários, as histórias do cotidiano, imaginário e religiosidade da comunidade litorânea. O artista preocupava-se muito com o acesso da população às suas obras. Os frutos oriundos de sua vontade de propagação da tradição podiam ser observados, na época, em uma sala na própria residência do artista, local que ele mantinha aberto, sendo destinado ao livre acesso de quem estivesse interessado em aprender e conhecer. Foram muitas as exposições realizadas por Franklin Cascaes, tanto em seu atelier e residência quanto nas escolas em que lecionou, além das comunidades que frequentava para suas pesquisas, e de seus famosos presépios. Após sua aposentadoria, Cascaes foi convidado para trabalhar no Museu de Antropologia da UFSC, onde participou de diversas atividades e oficinas abertas à comunidade.

Cascaes já entendia o papel de seus estudos e suas obras para a cultura. E ainda, o papel do estado de Santa Catarina em garantir o acesso da população às suas obras. Em seus

---

8 ARAUJO, Adalice Maria de. Franklin Cascaes, o mito vivo da Ilha (mito e magia na arte catarinense). Florianópolis. Editora da UFSC, 2008.

manuscritos podemos ter acesso aos esboços das cartas que Cascaes enviava a políticos e outras personalidades influentes da época. Em um deles, pede aos políticos do estado a concessão para que suas exposições fossem feitas em salas de aula das escolas da comunidade<sup>9</sup>. Além disso, para Cascaes, era de extrema importância dar um retorno de suas pesquisas à população. Em outro esboço de carta, Franklin pede ao prefeito de Florianópolis proteção cultural técnica para as coisas que dizem respeito à ilha<sup>10</sup>. Entre inúmeros registros históricos, Franklin também se propunha a criar um folclore catarinense.

Em uma dessas exposições o artista faz observações sobre o comportamento das pessoas no espaço expositivo:

Nos detalhes expressivos de suas fisionomias eu observei que eles sentiam-se honrados de poderem penetrar livremente naquela sala de grupo escolar Antônio Apóstolo, para olharem a cultura artística, que eles também tinham e têm o direito de possuir mas que, infelizmente, os responsáveis pelos destinos culturais do nosso povo não lhe deram<sup>11</sup>.

Em diversas cartas, o professor, artista e folclorista Franklin Cascaes afirma sua vontade de construir um museu, mais especificamente o “Museu de Motivos Folclóricos da Ilha de Santa Catarina”<sup>12</sup>. Desejo que nunca foi concretizado. Atualmente, sua coleção é parte integrante do acervo do Museu de Arqueologia e Etnografia/UFSC - Professor Oswaldo Rodrigues de Cabral. Coleção essa que o próprio Franklin reuniu, durante décadas de pesquisa folclórica, e doou em vida ao museu. Cascaes, em sua preocupação com o registro dessa cultura material e a criação de um museu para estes, queria “doar o museu para a nação”<sup>13</sup>. Notam-se em muitos de seus escritos preocupações de ordem preservacionista da cultura folclórica.

Em meio à suas obras, cabe destacar sua reprodução através de relatos feitos por pessoas analfabetas e semialfabetizadas sobre as credices bruxólicas de ilhéus. Nestes relatos encontra-se a forte presença da influência da linguagem e os aspectos típicos do falar ilhéu. Observa-se em suas obras, uma grande presença da cultura popular, das lendas sobre bruxas e aspectos míticos.

---

9 CASCAES, Caderno 17, [19--], s/p.

10 Ibid.

11 Ibid.

12 CASCAES, Caderno 18, [19--], s/p.

13 CASCAES, Caderno 18, [19--], s/p



Segundo o próprio Cascaes suas pesquisas folclóricas iniciaram-se em 1946<sup>14</sup>. Em conjunto com sua mulher Elizabeth, percorria a Ilha, visitando as comunidades distantes e recolhendo seus relatos em detalhes minuciosos. Durante seu trabalho de pesquisa, Cascaes não recolhia os vestígios materiais, e sim, o registro imaterial. Posteriormente é que desenvolvia suas obras, com base nesses registros. Segundo ele, “não recolho objetos folclóricos. Meus estudos [ilegível] são realizados cuidadosamente nas fontes genuínas da cultura popular do povo. Portanto os muitos elementos [ilegível] esculpidos são representantes fieis de motivos ou cenas (...)”<sup>15</sup>. Antes de produzir certas esculturas, por exemplo, Cascaes procurava fazer o desenvolvimento técnico da peça: desenhos, montagem, material usado, nome técnico e suas “formas dentro do mundo objetivo”<sup>16</sup>.

Algo que cabe destacar é que Franklin dizia que não se estuda a cultura popular dentro dos gabinetes, mas sim na sua fonte de origem observando-o por fora, por dentro e por todos os lugares. Havia essa preocupação de lidar diretamente com a comunidade, com o fazer folclórico, com o próprio ‘viver folclórico’ presente na ilha.

Desde 1958, Cascaes já reunia suas obras em um ‘museu’ na sua própria residência<sup>17</sup>. Em esboços de cartas endereçadas a políticos e outras figuras influentes do país como Assis Chateaubriand, pede ajuda para a construção do museu em um espaço próprio para este fim, bem como apoio para continuar suas pesquisas folclóricas, como o próprio intitulava, pela Ilha<sup>18</sup>. A pesquisa do professor abrangia desde os elementos ‘pagãos’ aos religiosos, crenças, festas e modos de produção, enfim, o cotidiano dos habitantes ilhéus. Como ressalta Souza, os avanços da modernidade colocavam em risco todos esses elementos, e daí surgiu a preocupação do folclorista em registrá-los antes que se perdessem<sup>19</sup>.

Souza aponta ainda para dois eventos importantes que ocorreram na mesma época em que Cascaes inicia de fato suas pesquisas: o Primeiro Congresso Catarinense de História e a fundação do Círculo de Arte Moderna, que posteriormente formaria o Grupo Sul, ambos em 1948<sup>20</sup>. Esses dois eventos são marcos para a consolidação da cultura açoriana enquanto identitária do estado de Santa Catarina. Segundo o autor, os movimentos promoveram a ‘positivação’ da colonização açoriana no litoral catarinense. Principalmente o Congresso, na

---

14 CASCAES, Caderno 17, 1961, s/p.

15 CASCAES, caderno 60, [19--], s/p.

16 CASCAES, Caderno 40, [19--], s/p.

17 CASCAES, Caderno 102, [19--], s/p.

18 Ibid.

19 SOUZA, Evandro A. de. Franklin Cascaes: Uma Cultura em Transe, Florianópolis: Insular, 2002.

20Ibid.



tentativa política de desconstruir uma identidade com fortes influências germânicas para a 'construção' de uma identidade luso-brasileira<sup>21</sup>. Cascaes não foi convidado para participar do Congresso, pois para aqueles intelectuais, sua obra não era encarada enquanto pesquisa científica, mas nem por isso deixou de acompanhar as discussões acerca da 'açorianidade'.

É inegável a força legitimadora da identidade açoriana que a obra de Cascaes adquiriu com o tempo. Como ressalta Flores, a imagem do habitante do litoral, dentro do panorama cultural do estado de Santa Catarina, nem sempre foi positiva. Por conta do atraso econômico do litoral em relação às outras cidades do estado, a imigração lusitana da região foi entendida como causa do mesmo. Assim, a imagem dos homens e mulheres litorâneos era apresentada de maneira negativa, enquanto sobreviventes de um meio cultural e até mesmo geográfico desfavorável.

### **Museologia e Cascaes: aproximações**

Um elemento importante para entender a necessidade que Cascaes sentia em construir um museu é que em 1957, formou-se no Curso Básico de Museologia pela Faculdade Catarinense de Filosofia<sup>22</sup>. Curso, que, como destaca Carminati<sup>23</sup>, foi responsável por formar uma elite intelectual que fervilhava o panorama cultural da época. Esse curso<sup>24</sup> deve ter influenciado seu pensamento no que tange aos museus e demonstra que Cascaes não era leigo na área. Também mostra sua preocupação com a prática e a teoria dos museus.

Cascaes pensava o museu enquanto um espaço de preservação da memória, importante para o presente, bem como para o futuro.

Alguém disse: museu é como um dicionário de coisas. Eu afirmo museu é passado vivendo dentro do presente. Sim neles vivem as imagens do passado explicando melhor o presente. Vive o passado no presente porque ambos viverão o futuro. Formar um museu é erguer um monumento a Cultura e a Arte<sup>25</sup>.

---

21 FLORES, Maria Bernadete Ramos. *A Farra do boi: palavras, sentidos ficções*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1997.

22 CASCAES, Manuscrito 236, [19--], s/p.

23 CARMINATI, Celso João. *Lideranças políticas e religiosas e a fundação da Faculdade Catarinense de Filosofia*, Programa de Pós-graduação em Educação – UDESC. 2007.

24 Não encontramos outras informações sobre o curso, além da citação nos manuscritos de Cascaes.

25 CASCAES, Caderno 60, [19--], s/p.



Um dos meios de 'preservação' dessa memória utilizado pelo pesquisador é o próprio registro das tradições orais. Segundo Souza, a cultura das comunidades da Ilha era basicamente oral e Cascaes foi um dos responsáveis por transformá-la em uma linguagem escrita e plástica<sup>26</sup>. Pode-se perceber a importância do relato para Cascaes, aproximando-se do conceito de patrimônio imaterial, mesmo que ele não utilize o mesmo.

Apesar de não utilizar o termo documentação em seus escritos, Cascaes utiliza-se desse recurso. Para Smit a documentação "é um filtro que seleciona e organiza as informações, chamando a atenção para as principais"<sup>27</sup>. A partir dessa definição pode-se concluir que as informações não existem por si só, mas precisam ser decodificadas, selecionadas e organizadas em sistemas de informações. Cascaes não fala diretamente sobre o processo de documentação de seu acervo em seus cadernos, mas o fato é que ele se preocupava em minimamente organizar seu próprio trabalho, seguindo alguns parâmetros da documentação museológica observados atualmente. Em seus manuscritos há diversas listagens, ou numa aproximação com a área da Museologia arrolamentos, que o artista fez sobre seus conjuntos escultóricos e desenhos. O arrolamento "é o ato por meio do qual se realiza a contagem de todos os objetos que fazem parte do museu"<sup>28</sup> ou no caso específico de Cascaes, na época, sua coleção.

Em relação ao acervo de esculturas do artista, as mesmas são divididas por conjunto escultórico. Em relação aos conjuntos, podem-se observar três informações principais: título da peça, material e medidas. Quanto aos desenhos, estes possuíam uma numeração corrida e data, mas nem todos possuíam títulos. Pode-se observar nessas listas o acréscimo de obras produzidas ao longo dos anos. Outra característica importante a ser observada é que ao final de cada lista há sempre a contagem das peças de seu acervo. Cascaes preocupava-se ainda, no controle do empréstimo de suas obras a terceiros. Em um de seus cadernos ele esboça uma 'Declaração de Empréstimo'<sup>29</sup> de suas peças para uma exposição. Nessa declaração, ele descrevia cada peça a ser emprestada e deixava clara a responsabilidade do solicitante sobre a obra, enquanto estivesse em exposição. Esse tipo de documento é um importante recurso para as práticas administrativas da instituição museológica, atualmente. Segundo Padilha, essa é

---

26 SOUZA, Evandro A. de. Franklin Cascaes: Uma Cultura em Transe. Florianópolis: Insular, 2002.

27 SMIT, Johanna. O que é documentação. São Paulo: Brasiliense, 1986.

28 PADILHA, Renata C. Documentação Museológica e Gestão de Acervo, Florianópolis: FCC, 2014, p.41.

29 CASCAES, Manuscritos 409, 432[19--], s/p.



uma documentação de apoio, que serve tanto para o controle, como para a segurança dos acervos<sup>30</sup>.

Quanto a conservação, Cascaes já tem a noção de que fatores como a luz podem degradar seu acervo quando em exposição:

Sei que a luz artificial não é estática e não satisfaz do ponto de vista psicológico, ao passo que a luz natural é dinâmica e viva (...) O desenho e o tecido podem ser prejudicados na sua exibição pela luz solar<sup>31</sup>.

Em relação à iluminação, também demonstra ter conhecimento de técnicas de iluminação em exposições para oferecer ao visitante “condições de conforto que o convidem a demorar se na sua contemplação diante do objeto”<sup>32</sup>. E ainda a iluminação artificial como meio de “criar o seu ambiente artístico favorável”<sup>33</sup>.

### **Considerações Finais**

O objetivo principal da carreira e trajetória de Franklin Cascaes era a preservação da cultura ilhoa, como chamava, além de sua divulgação. Para tanto, Franklin procurava se inserir na comunidade para vivenciar, aprender e documentar suas tradições através de sua obra. Estava atento aos fazeres tradicionais de trabalho, costumes e religião, auxiliando pescadores, por exemplo, participando de missas e procissões, além de estabelecer um contato afetivo com os moradores. Questão que pode ser observada, por exemplo, em uma carta escrita por Franklin solicitando as autoridades auxílio a um pescador da Barra da Lagoa que já possuía certa idade, enfrentando problemas de saúde que o impediam de trabalhar<sup>34</sup>.

O objetivo de Cascaes era registrar uma cultura que se ‘extinguiu’, pelo impacto da modernidade. E é devido aos seus esforços que temos hoje este grande acervo de histórias da cultura popular. Devida a sua idealização e apego ao passado e tradição de sua comunidade, ele fez este trabalho que é contemplando até os dias atuais.

Para o campo da museologia, é interessante identificar o potencial museológico que o artista apresentava, e que até hoje não foi estudado, apesar de sua relevância para o simbólico

---

30 PADILHA, Renata C. Documentação Museológica e Gestão de Acervo, Florianópolis: FCC, 2014, p.41.

31 CASCAES, Caderno 60, [19--], s/p.

32 Ibid.

33 Ibid.

34 Ibid.





da cultura catarinense. Cascaes pode não ter contribuído diretamente para o campo da museologia, como um pensador ativo do mesmo, contribuindo teoricamente. Apesar disso, já estava preocupado em pensar aspectos da museologia para a preservação do seu próprio acervo. Cascaes foi um artista que já pensava em aspectos da conservação e documentação de sua própria obra, já reunia e organizava suas obras para a fruição dos 'públicos'. E ainda, compreendia o museu como uma ferramenta valiosa para a educação e preservação da memória das comunidades com descendência açoriana.

## Referências

ARAUJO, Adalice Maria de. *Franklin Cascaes, o mito vivo da Ilha (mito e magia na arte catarinense)*. Florianópolis. Editora da UFSC, 2008.

CARMINATI, Celso João. *Lideranças políticas e religiosas e a fundação da Faculdade Catarinense de Filosofia*. Programa de Pós-graduação em Educação – UDESC. 2007.

CASCAES, Franklin. *Manuscrito*. Florianópolis: Acervo do Museu de Etnologia e Arqueologia Professor Oswaldo Rodrigues Cabral/UFSC, [19--]. Caderno 60.

\_\_\_\_\_, Franklin. *Manuscrito*. Florianópolis: Acervo do Museu de Etnologia e Arqueologia Professor Oswaldo Rodrigues Cabral/UFSC, [19--]. Caderno 17.

\_\_\_\_\_, Franklin. *Manuscrito*. Florianópolis: Acervo do Museu de Etnologia e Arqueologia Professor Oswaldo Rodrigues Cabral/UFSC, [19--]. Caderno 18.

\_\_\_\_\_, Franklin. *Manuscrito*. Florianópolis: Acervo do Museu de Etnologia e Arqueologia Professor Oswaldo Rodrigues Cabral/UFSC, [19--]. Manuscrito 236.

\_\_\_\_\_, Franklin. *Manuscrito*. Florianópolis: Acervo do Museu de Etnologia e Arqueologia Professor Oswaldo Rodrigues Cabral/UFSC, [19--]. Manuscrito 409.

\_\_\_\_\_, Franklin. *Manuscrito*. Florianópolis: Acervo do Museu de Etnologia e Arqueologia Professor Oswaldo Rodrigues Cabral/UFSC, [19--]. Manuscrito 432.

CHAGAS, Mário de Souza. *Há uma gota de sangue em cada museu: a ótica museológica de Mário de Andrade*. Chapecó. São Paulo: Argos, 2015.

FLORES, Maria Bernadete Ramos. *A Farra do boi: palavras, sentidos ficções*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1997.

GUARNIERI, Waldisa Rússio Camargo. *Museologia e Museu*, (1979). In: BRUNO, Maria C. de O. *Waldisa Rússio Camargo Guarnieri: textos e contextos de uma trajetória profissional*. São Paulo: Pinacoteca do Estado: Secretária de Cultura: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, 2010.



KARNAL, Leandro; TASTSCH, Flavia G. A memória evanescente. In: *O historiador e suas fontes*. PINSKY, C. B; LUCA, R. de L. (org). São Paulo: Contexto, 2009.

PADILHA, Renata C. *Documentação Museológica e Gestão de Acervo*. Florianópolis: FCC, 2014.

SOUZA, Evandro A. de. *Franklin Cascaes: Uma Cultura em Transe*. Florianópolis: Insular, 2002.

SMIT, Johanna. *O que é documentação*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

---

Recebido em 14 de junho de 2016

Aceito para a publicação em 30 de janeiro de 2017

